

## Sir Arthur George Jennings

Ouçam.

Os mortos nunca param de falar. Talvez porque a morte não seja morte nenhuma, apenas ficar de castigo depois das aulas. Sabes de que sítio vens e estás sempre a voltar de lá. Sabes para onde vais, embora pareça que nunca mais lá chegas e estejas simplesmente morto. Morto. Parece coisa definitiva, mas é uma palavra a que falta um *endo*. Entras-te com homens que morreram antes de ti, que passam o tempo a andar, embora sem destino, e ouve-os uivar e sussurrar, porque somos todos espíritos, ou pelo menos achamos que somos todos espíritos, mas na verdade o que somos é pessoas mortas. Espíritos que se introduzem noutros espíritos. Às vezes uma mulher mete-se dentro de um homem e geme como se recordasse o ato do amor. Gemem e lamentam-se em voz alta, mas o som entra pela janela como um assobio ou um sussurro debaixo da cama, e as crianças pequenas pensam que é um monstro. Os mortos gostam de se deitar debaixo dos vivos por três razões. 1) Passamos a maior parte do tempo deitados. 2) Vista de baixo, a cama parece a tampa dum caixão, mas 3) há sobre ela um peso, um peso humano no qual podes entrar para o tornar ainda mais pesado, e podes ouvir o coração bater enquanto o vês bombear, e ouvir o sopro das narinas quando os seus pulmões expulsam o ar, e invejas até a mais breve das exalações. Não tenho memória de caixões.

Mas os mortos não param de falar, e às vezes os vivos escutam. Era isto o que eu queria dizer. Quando estás morto, a fala não é mais do que tangentes e desvios, e não há nada para fazer senão vaguear e divagar um pouco. Bom, pelo menos isso é que os outros fazem. O que quero dizer é que os defuntos aprendem com os defuntos, mas é arriscado. Eu ouvia-me dizer, diante de quem quisesse ouvir, que na verdade não caí mas fui empurrado da varanda do Hotel Sunset Beach em Montego

Bay. Mas não posso dizer cala a boca, Artie Jennings, porque todas as manhãs tenho de voltar a pôr no sítio a minha cabeça de abóbora esborrachada. E mesmo agora, enquanto falo, consigo ouvir a minha voz de então, percebem, seus pândegos? O que pretendo dizer com isto é que a outra vida não é um *happening*, uma farra bestial, pá, vês aqueles aqueles estilosos sentados no tapete?<sup>1</sup> Nunca chegaram a perceber, e não há mais nada a fazer senão esperar pelo homem que me matou, mas ele não morre, limita-se a ficar cada vez mais velho e a arranjar miúdas cada vez mais novas, a gerar toda uma ninhada de putos retardados e a levar este país à ruína.

Os mortos nunca param de falar, e às vezes os vivos escutam. Às vezes ele responde-me. Se o apanho no instante em que os seus olhos começam a tremular durante o sono, põe-se a falar até que a mulher lhe dá um bofetão. Mas eu prefiro escutar os que estão mortos há muito. Vejo homens de calção riscado e casaca ensanguentada, e eles falam, mas o sangue escorre-lhes da boca, e, santo Deus, aquela revolta de escravos foi uma coisa pavorosa e a rainha de nada nos valeu quando a Companhia das Índias Ocidentais entrou num lamentável declínio comparada com a do Oriente, e porque é que tantos negros se deitam a dormir sempre que podem, e, raios partam isto, parece que perdi o lado esquerdo da cara. Estar morto é perceber que morto não significa desaparecido, está-se simplesmente no vazio da terra dos mortos. O tempo não para. Tu vê-lo mover-se, mas estás imóvel, como um quadro com um sorriso de Gioconda. Neste sítio, uma garganta cortada há trezentos anos e uma morte no berço há dois minutos são exatamente o mesmo.

Se não prestas atenção ao modo como dormes, dás por ti na posição em que os vivos te encontraram. No meu caso, estou deitado no chão, a cabeça, uma abóbora esborrachada, a perna direita torcida atrás das costas e os braços dobrados duma maneira esquisita. E de cima, da varanda, pareço uma aranha morta. Estou lá em cima e cá em baixo, e de lá de cima vejo-me como o meu assassino me viu. Os mortos revivem um gesto, um ato, um grito, e estão ali de novo simplesmente, no comboio que nunca parou até descarrilar, na varanda do décimo-sexto andar, na mala do carro onde o oxigénio se esgota. Corpos de rufias<sup>2</sup> rebentando como balões furados, cinquenta e seis balas.

Ninguém cai daquela maneira sem ter sido empurrado. Eu sei. E sei o que sente, e que aspeto tem, um corpo que cai e se debate com o ar durante toda a queda, fechando as mãos sobre o nada e implorando que por uma vez, só por uma vez, Jesus, seu filho duma rafeira, só por uma vez o ar nos dê algo que agarrar. E aterras numa vala de metro e meio

de fundura ou num chão de mármore dezasseis andares abaixo, ainda a espernear quando o chão sobe e te esmaga porque se cansou de esperar pelo sangue. E continuamos mortos, mas acordamos, eu, uma aranha esmagada, ele, uma barata esturricada. Não tenho memória de caixões.

Ouçam.

Os vivos esperam para ver, porque se iludem com a ideia de que têm tempo. Os mortos veem e esperam. Uma vez, disse à minha professora de catequese, Se o Paraíso é o lugar da vida eterna, e o Inferno é o contrário do Paraíso, o que vem a ser o Inferno? Um sítio para estouvados e patifes como tu, disse ela. Ainda é viva, vejo-a no Lar de Idosos Eventide, cada vez mais velha e mais estúpida, já não sabe o seu nome e fala num sussurro tão débil que ninguém a ouve quando diz que tem medo da noite porque é quando as ratazanas saem para roer o que lhe resta de dedos dos pés. Eu vejo mais do que isso. Se observares com atenção suficiente, ou talvez te baste olhar para a esquerda, verás um país que continua igual ao que era quando o deixei. Nunca muda. Quando estou entre as pessoas, elas estão exatamente como quando as deixei, o envelhecimento não faz qualquer diferença.

O homem que foi pai de uma nação, que para mim foi mais do que o meu próprio pai, chorou como uma súbita viúva quando soube que eu tinha morrido. Só depois de morto é que percebes que os sonhos dos outros estão ligados a ti, e então já não há nada a fazer senão vê-los morrer de maneira diferente, lentamente, membro a membro, sistema a sistema. Doença do coração, diabetes, doenças que matam devagar, com nomes que se dizem devagar. Isto é o corpo a avançar impaciente para a morte, uma parte de cada vez. Ele viverá o suficiente para se ver convertido em herói nacional e morrerá sendo o único a acreditar que fracassou. É o que acontece quando se personificam sonhos e esperanças numa pessoa. Ela transforma-se num mero recurso literário.

Esta é a história de vários assassinatos, de rapazes que não significavam nada para um mundo que continua a girar, mas em todos eles, ao passarem por mim, sinto o cheiro adocicado do homem que me matou.

O primeiro grita desalmadamente, mas o grito detém-se à porta dos dentes, porque os tipos o amordaçaram, e a mordaza sabe a vômito e a pedra. E alguém lhe amarrou as mãos por trás das costas, mas ele sente a corda lassa, porque a pele esfolou e o sangue a humedece, ele esperneia de pernas juntas, porque estão amarradas, pontapeando a terra que se ergue cinco palmos, depois seis, e não se consegue levantar, porque sobre ele chove terra e lama e do pó ao pó e pedras. Uma pedra acertou-lhe no nariz, e outra, num olho, que começa a inchar, e ele grita, mas

o grito esbarra-lhe na boca e volta para trás como um refluxo, e a terra é uma inundação que sobe sem parar, e ele não consegue ver os seus pés. Depois vai acordar, ainda morto, e não me quererá dizer como se chama.